



Jornalismo e Política na Cidade¹

Célio José Losnak²
FAAC-Unesp-Bauru

Resumo: O jornal pode ser considerado um espaço de discussão da sociedade e da cidade. A partir de perspectivas internas e externas à redação e à empresa, o jornal noticia e debate temas considerados candentes, dando visibilidade a determinadas temáticas e agentes sociais, ocultando ou desqualificando outros, propagandeando projetos políticos dos grupos dominantes e difundindo conceitos de cidade. Este trabalho analisa um jornal de Bauru, interior do Estado de São Paulo, no período da ditadura militar e o identifica como um veículo estratégico para a consolidação de um grupo político e de uma visão de cidade.

Palavras-chave: jornalismo; cidade; política, representações sociais; imprensa

O clássico trabalho do jornalista Freitas Nobre, publicado em 1950, apresenta um levantamento de periódicos lançados no Estado de São Paulo entre 1823 e 1945 e nos informa sobre a diversidade das publicações paulistas³. Uma questão importante dessa obra a ser destacada aqui é o registro da presença de inúmeros jornais em pequenas localidades no interior de São Paulo. Cidades surgidas no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, que ainda possuíam dimensões populacionais extremamente reduzidas e atividades econômicas baseadas no campo, já veiculavam em seus primórdios folhas impressas e diversificaram essas produções no decorrer das décadas seguintes. Tal questão indica que segmentos sociais das pequenas comunidades buscavam representar-se e debater sua existência por meio dos jornais.

Em obra mais recente, Medina chama atenção para a estreita relação existente entre imprensa/jornalismo e a urbanização/industrialização da sociedade moderna⁴. A vida

¹ Inscrito para GT 1 – História do Jornalismo

² Doutor em História Social pela FFLCH-USP-SP. Publicou: Polifonia Urbana: imagens e representações, Bauru 1950-1980, pela Edusc, em 2004; Nos Trilhos da Memória: trabalho e sentimento. História de Vida de Ferroviários da Companhia Paulista e Fepasa, v.1 e Nos Trilhos da Memória: ferro e sangue. História de Vida de Ferroviários da Noroeste do Brasil e da RFFSA, v.2, pela Prefeitura Municipal de Bauru/Secretaria de Cultura, em 2004. E-mail para contato: losnak@faac.unesp.br

³ NOBRE, Freitas. História da Imprensa de São Paulo. São Paulo: Edições Leia, 1950.

⁴ MEDINA, Cremilda. Notícia, um produto à venda. Jornalismo na sociedade urbana e industrial. 3. ed. São Paulo. Summus. 1988.



urbana e a complexização dela suscitaram várias demandas e uma delas foi a difusão periódica impressa da informação e das idéias em formato ágil e mais acessível. Embora o campo não estivesse fora do âmbito jornalístico, a dinâmica deste é considerada tipicamente urbana. Nesse sentido, um veio de pesquisa interessante e importante é reconstruir a trajetória da imprensa e entender as relações entre ela e outras instituições e práticas urbanas⁵.

Uma questão a expor neste momento são alguns pressupostos prévios, e ao mesmo tempo elaborados no decorrer da pesquisa, sobre essa relação entre cidade e imprensa. A tese de que o jornal é espelho da sociedade está ultrapassado, mas é importante pensá-lo como uma obra que dá visibilidade à temáticas e grupos sociais⁶. O texto, verbal e não-verbal⁷, constitui-se num recorte do real atribuindo a eles novos significados e/ou reforçando outros pré-existentes, trabalha com os acontecimentos e suas interpretações, com as representações da realidade, contribuindo para a própria construção dessa realidade⁸. Nesse sentido, o jornal atua no âmbito da cultura⁹ e seu objeto de trabalho é o acontecimento e a interpretação dele, dimensões indissociáveis da realidade histórica¹⁰.

Diante dessas ponderações, uma categoria importante para trabalhar com a produção jornalística é a da representação, um recurso dos agentes histórico-sociais para darem inteligibilidade às práticas sociais. Dentre os diversos conceitos de representação explicito a de um historiador, Chartier. Para ele, o conceito

“... permite articular três modalidades da relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns

⁵ Para a cidade de São Paulo, destaco um trabalho que explora a importância da presença das revistas como instrumentos de sociabilidades, de relações políticas, de atividades econômicas e de difusão de diversas representações sociais. Ver: CRUZ, Heloísa de Faria. São Paulo em Papel e Tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial, SP, 2000.

⁶ TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são. V.1. 2. ed. Florianópolis: Insular. 2005.

⁷ OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte de. João Goulart na Imprensa. De personalidade a Personagem. São Paulo: Annablume, 1998.

⁸ O conceito de real aqui é retirado de Chauí: “O real não são coisas nem idéias, não são dados empíricos nem ideais, mas o trabalho pelo qual uma sociedade se institui, se mascara, constrói seu imaginário e simboliza sua origem, sem cessar de repensar essa instituição, seu imaginário e seus símbolos.” CHAUI, Marilena. Crítica e Ideologia. In: ____ Cultura e Democracia. O discurso competente e outras falas. 3.ed. São Paulo: Moderna, 1982. p.18.

⁹ GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

¹⁰ CHESNEAUX, Jean. Devemos Fazer Tábula Rasa do Passado? Sobre a história e os historiadores. São Paulo: Ática, 1995; CARR, Edward Hallet. Que é História? 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

‘representantes’ (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade.”¹¹

A classificação/delimitação, as práticas simbólicas e as institucionalizações, elencadas por Chartier, podem ser identificadas na atuação da imprensa por meio de pesquisa apresentada por autoras que não utilizam o conceito de representação. Capelato e Prado estudaram a atuação do *Estado de S. Paulo* nas décadas de 1920 a 1940 e optaram por identificar amplas articulações dele com um ideário político e econômico da época, o liberalismo, em confronto com as forças políticas nacionais e as dinâmicas econômicas dominantes; numa primeira fase exclusivamente a produção cafeeira e, depois, também a produção industrial¹². Em outras palavras, a produção jornalística do Estadão classificava, e classifica ainda hoje, as dinâmicas da sociedade e institucionalizava, como práticas sócio-simbólicas, essas classificações.

Voltemos ao tema da cidade. O mesmo jornal, *Estado de S. Paulo*, pode ser objeto de outra tematização, Sevcenko seleciona matérias que permitem defender a tese de que, em São Paulo dos anos 1920, a vida urbana moderna é intensificada com o aumento das tensões sociais, do frenesi das multidões, da velocidade máquina, da excitação dos sentidos e da convicção, por parte de vários agentes sociais, de que novas formas de vida estimulam o irresistível êxtase¹³.

Além desse autor, a delimitação de cidade suficiente para a discussão quem vem a seguir é referenciada sob diversas perspectivas: a cidade pode ser pensada como uma linguagem, uma escrita, produto e produtora de leituras de diversos segmentos sociais¹⁴; como artefato¹⁵, uma obra¹⁶, palco, cenário, atriz e enredo do social¹⁷; ou ainda expressão

¹¹ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel/Editora Bertrand Brasil S/A, s/d. p.23.

¹² CAPELATO, Maria.Helena; PRADO, Maria Lígia. *O Bravo Matutino*. Imprensa e ideologia: o jornal O Estado de S. Paulo. São Paulo: Editora Alfa-Omega. 1980; CAPELATO, Maria Helena. *Os Arautos do Liberalismo*. Imprensa Paulista 1920-1945. São Paulo: Brasiliense. 1989.

¹³ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole*. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

¹⁴ BOLLI, Willi. *A Cidade como escrita*. In: DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO. *O Direito à Memória. Patrimônio Histórico e Cidadania*. São Paulo, 1992. p.137-143; FERRARA, Lucrecia A. *Ver a Cidade: cidade, imagem, leitura*. São Paulo: Nobel, 1988.

¹⁵ MENEZES, Ulpiano Bezerra de. *O Museu na Cidade / A Cidade no Museu: para uma abordagem histórica dos museus de cidade*. *Revista Brasileira de História. Cultura e Cidade*. São Paulo. v.5, n.8-9, p.197-205, 1984/1985.

¹⁶ LEFEBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*. São Paulo: Moraes, 1991.

¹⁷ SANTOS, C.N.F. dos. et al. *Quando a Rua Vira Casa. A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. 3. ed. São Paulo: Projeto, 1985.



de complexa teia de relações e mediações (econômicas, culturais, sociais, tecnológicas,...)¹⁸.

Na articulação com o urbano podemos pensar na morfologia material, como “realidade presente, imediata, dado prático-sensível, arquitetônico“ e como morfologia social, “realidade social composta de relações a serem concebidas, construídas ou reconstruídas pelo pensamento”.¹⁹ Ou seja, a cidade, como experiência de espacialização de uma sociedade determinada, constitui características próprias articuladas pelos agentes sociais em vários níveis. Ela está intrinsecamente ligada à dimensão política em diversos sentidos: administração da urbe e do investimento público, espacialização da infra-estrutura urbana e do assentamento das classes sociais, sociabilidades e usos dos espaços²⁰.

Este trabalho pretende contribuir para a discussão sobre a história das relações entre imprensa e cidade, mediados pela política apresentando a problematização da atuação do *Jornal da Cidade* entre 1967, ano de seu surgimento em Bauru, cidade média do interior do estado de São Paulo, e o ano de 1982, momento em que as correlações políticas em São Paulo e Bauru mudam e o MDB assume os poderes executivos.

Jornal da Cidade e políticas da imprensa

Embora o jornal possa eventualmente apresentar dissonâncias em relação à linha editorial a análise da pesquisa se centrou na lógica editorial da composição geral da publicação, com atenção especial aos momentos em que apresenta discussões em torno da cidade, mapeando e identificando a criação/manutenção e polêmicas de representações que constituíam Bauru durante as décadas de 1950, 1960 e 1970.

Foram escolhidos dois jornais para a pesquisa, o “Diário de Bauru” (DB) e o “Jornal da Cidade” (JC), que destacaram-se, nos anos 60 e 70, pela abrangência de público e pela potencialidade de articular e agir como catalizadores de propostas políticas oriundas de determinados grupos e balizados por interesses econômicos.

O “Diário de Bauru” foi criado por Nicola Avallone Jr., em 1946, com o objetivo de alavancar sua campanha política e conseguiu. Foi eleito deputado estadual, em 1956

¹⁸ WILLIAMS, R. *O Campo e a Cidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

¹⁹ LEFEBVRE, Henri. *Op.cit.* p. 49.

²⁰ ROLNICK, Raquel. *A Cidade e a Lei. Legislação, Política Urbana e Territórios na cidade de São Paulo*. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp. 1999.

assumiu como prefeito municipal e, depois, manteve dois mandatos na Assembléia Legislativa até 1970, quando afastou-se da política e vendeu a empresa.

A hegemonia do “*Diário*” havia começado a declinar em 1967, momento de início de circulação do *Jornal da Cidade* que, após sua criação, ocuparia hegemonicamente o mercado jornalístico em Bauru (público e publicidade). Politicamente, ele também reuniria os caciques da política da época, filiados à Arena e liderados por Alcides Franciscato. Por isso, embora o DB fosse importante para entender os desdobramentos políticos e jornalísticos na cidade desde os anos 1950, para o períodos pós-1964 o JC é fundamental e, por isso, nos centraremos nele.

A preocupação em articular jornalismo com a política e as representações sociais começaram já no lançamento do periódico quando houve a estratégia de incorporar-se à memória oficial da cidade. A sua primeira edição circulou no dia do aniversário de Bauru, primeiro de agosto de 1967, e o próprio título sugeria, com a preposição “da”, pretender colocar-se de maneira universal e única para Bauru. Essa proposta está expressa em um editorial anunciando a meta de atender a toda “coletividade”.

“Jornal da Cidade significa não exprimir pensamentos isolados e avulsos ou opiniões e interesses de grupos. Pretende **ser o jornal da cidade**. Só o que convier a toda Bauru merecerá o seu apoio, nada que, interessando a alguns desfavoreça a **coletividade**, encontrará abrigo na sua linha superior. Jornal político, no alto e nobre significado do vocábulo, sua causa é a cidade, como parte do estado e este como expressão do Brasil.”²¹

A proposta de engajamento do jornal em favor das causas nobres e coletivas da cidade estaria imune aos interesses particulares²² e pretendia narrar a História²³. O periódico buscava colocar-se como testemunha dos fatos e da realidade, inserida nos destinos da sociedade brasileira e promotora do chamado bem-comum. Nessa perspectiva, a cidade era pensada como uma entidade abstrata, como um bloco monolítico e homogêneo, que seria a “comunidade bauruense”. O recurso discursivo à expressão “coletividade” constituía-se em estratégia de anular contradições e conflitos de interesses dos vários segmentos sociais da urbe ao mesmo em que apontava para conexões com a política

²¹ “Jornal da Cidade”, (JC) 01/08/67, p.01.

²² “O jornal não teria por escopo combater quem quer que seja, mas não titubearia em declarar guerra a todos que fizessem por merecer o repúdio da opinião pública. Não visaria à promoção ou exaltação de nenhuma pessoa em particular, mas estaria sempre disposto a reconhecer méritos e a tomar partido ao lado de homens úteis à coletividade.” JC: 01/08/67, p. 02.

²³ “Aqui a História do Jornal que Vai Contar a História” título de um editorial. JC: 01/08/67, p.2.

institucional mais ampla, pois ela estava na rede de poder da Arena, em nível estadual e federal.

A iniciativa de fundar o JC partiu de alguns empresários e políticos. Segundo o próprio jornal, os idealizadores originais foram Nilson Costa (ex-vereador bauruense e ex-deputado estadual suplente pelo PTB, mas militante da UDN nos anos 50, e editor do JC durante quase 30 anos), Alcides Franciscato (empresário na área de transportes, herdeiro da empresa de ônibus “Expresso de Prata” e maior acionista do jornal), Halim Aidar (empresário na área de asfalto e de movimento de terras) e Israel Dias Novaes (deputado federal pela ARENA e o primeiro diretor responsável pelo jornal). Posteriormente, ou grupo incorporou outros empresários do comércio de transportes, da construção civil e proprietário de terras.

O jornal surgiu também como instrumento de propaganda desse grupo. Ele foi criado em 1967 e, no ano seguinte, Alcides Franciscato apresentou-se candidato a prefeito municipal pela ARENA, tendo como concorrente o ex-prefeito e deputado Nicola Avallone Jr. pelo mesmo partido. Franciscato venceu as eleições, governou de 1969 a 1972, elegeu os dois sucessores seguintes (Luiz Edmundo Coube, 1973/1976, e Oswaldo Sbeghen, 1977/1982), foi deputado federal por dois mandatos e manteve-se como principal líder político na região até cerca de 1982. O “*Jornal da Cidade*” apresentou-se como um importante instrumento de propaganda política do grupo de Alcides Franciscato nesse período. Entretanto, essa propaganda era mais sutil e indireta do que aquela elaborada pelo “*Diário de Bauru*” por Avallone Jr.

A participação do JC na campanha de Franciscato para as eleições foi explícita. Tal postura poderia parecer uma negação do argumento primeiro (servir à coletividade bauruense e à imparcialidade, por exemplo), principal objetivo para a criação do jornal. Evidenciava-se uma contradição entre o discurso de abertura e a prática cotidiana posterior. Ao observar a trajetória do JC no período pesquisado, foi constatado que ele se tornou especialista em defender os personagens e os interesses dos grupos situacionistas no panorama político. Apesar de possíveis conflitos políticos com outros grupos, ou eventualmente com um prefeito, o jornal mantinha certa condescendência. Existia uma tradição de não fazer críticas explícitas a oponentes políticos e, apesar de quaisquer

problemas, manter-se próximo ao prefeito do momento. As divergências ou críticas a pessoas, assuntos ou grupos apareciam tradicionalmente na forma de silêncio.

Para cumprir muito bem tais estratégias, era visível o investimento do jornal no setor técnico e infra-estrutural. O diário incorporou o discurso de um jornal moderno que, em relação ao “*Diário de Bauru*”, possuía significativas diferenças. Destacava-se pela melhor qualidade do papel, maior número de páginas e de anunciantes, diagramação mais leve e “ousada”. Era menos provinciano no sentido de que não falava somente sobre Bauru, conferindo destaque para matérias sobre assuntos nacionais e internacionais. Durante um certo tempo comprou colunas fixas de jornalistas de prestígio nacional como Nelson Rodrigues (a partir de agosto/1969) e Carlos Castelo Branco (a partir de outubro/1971).

Em 1971, já trabalhava com agência de notícias (UPI) e radio-foto; em 1973, implantou uma gráfica com sistema de *off-set*, auto-intitulando-se o “primeiro jornal do interior” que empregava tal tecnologia. Utilizava a produção de um chargista de destaque (bom no traço e nos temas, embora submisso à linha do jornal), Aucione Torres, e continha prestigiados jornalistas na área de artes, cultura e comportamento. Por um lado, o jornal veiculava notícias sobre uso e apreensão de drogas e *hippies*, demonizando tais personagens, e publicava artigos condenando preconceituosa e moralmente as mesmas práticas. Por outro, havia nos primeiros anos da década de 1970, na área de cultura, matérias sobre experiências com drogas, discussões aproximando-se da contracultura e do orientalismo, divulgação do *rock and roll* rebelde (Jimi Hendrix, The Doors, Janis Joplin), análises literárias e poéticas de obras de vanguarda, questionamentos sobre a vida e o *status quo*, elaborados de maneira erudita, não dogmática, não moralista e chamando a atenção para o prazer.²⁴

Cidade, jornais e elites sintonizavam-se no mesmo ritmo, buscando assumir padrões “modernos” e, portanto, emblemarem um novo tempo, nacional e internacional, apesar de manterem valores e imagens tradicionais. Esta foi a forma do “local” incorporar o moderno. Desse modo, a construção/manutenção das representações fundava-se em contradições.

Retomando a auto-representação do “Jornal da Cidade”, em um discurso de comemoração dos dez anos do JC, em 1977, Franciscato afirmou que o jornal “foi fundado

para fazer um trabalho democrático. Em instante nenhum este parlamentar veio aqui neste jornal, por ser um dos acionistas, dizer o que deve ser feito, o que está errado e o que não está.”²⁵ Entretanto, no mesmo discurso, ele confessou ter criado o JC por reconhecer a importância de possuir um jornal para produzir opinião sintonizada às suas necessidades políticas particulares²⁶.

Havia um discurso que se pretendia representativo de toda a cidade e, simultaneamente, o jornal demonstrava, a partir de sua trajetória e até por meio da “confissão” de seu proprietário, estar respondendo a determinados interesses políticos que não eram exatamente informação e atendimento a uma suposta coletividade bauruense. Em outras palavras, o JC foi criado para fazer a campanha eleitoral de Franciscato e para ser um meio de propaganda das ações políticas dele e de seus aliados. A idéia de coletividade bauruense pode ser considerada como mera estratégia discursiva para manutenção e legitimação de uma empresa e de um grupo político. Também pode ser entendida em menor dimensão, como uma coletividade mais restrita, o grupo político que o apoiava - empresários, políticos, eleitores – e buscava incluir ou atrair todos os outros segmentos porque se considerava aquela que, devido à sua superioridade, era realmente representativa em detrimento daquela mais ampla, os bauruenses em geral.

Uma outra possibilidade é Franciscato considerar que havia uma única coletividade e era esta que constituía a cidade. Entretanto, tal coletividade necessitaria ser tutelada devido à incompetência política, cultural e educacional da maioria do coletivo. Ou seja, o povo precisaria de uma elite que deteria com exclusividade o privilégio do saber social.

Nessa perspectiva, Franciscato buscava ser um líder ou manter a sua liderança e, para isto, fazia-se necessário estar sempre presente no jornal. Como prefeito, ele aparecia em fotos de primeira página e em outras secundárias, sempre com informações sobre obras, atividades, inovações, pequenas rotinas da administração, demonstrando a importância dos

²⁴ Essa mesma postura estará presente no “Diário de Bauru”. Por meio de alguns jovens jornalistas são apresentados temas como arte em geral, a poesia, o cinema, o rock and roll, a contracultura e outros movimentos jovens considerados desbundados e libertadores das convenções sociais.

²⁵ JC: 01/01/78, p.03.

²⁶ “...que este jornal nasceu de um punhado de idealistas, de homens que acreditam, acreditaram e se Deus permitir, continuarão acreditando nesta terra. E isto aconteceu em 1967, quando nós quisemos participar do futuro político, do futuro administrativo de Bauru, onde, como um prefeito como Irineu Bastos, que lutou por Bauru, não teve uma cobertura, e teria tido se estivesse conosco,....” JC: 01/01/78, p.03.

fatos para a cidade.²⁷ As notícias destacavam a sua suposta representatividade popular e surgia até especulação sobre a tentativa dos vereadores de solicitarem ao Presidente da República a extensão do mandato de Franciscato.²⁸ Matérias que analisavam as transformações da cidade atribuíam o progresso à grande capacidade de trabalho do prefeito e enunciavam uma nova cidade sendo construída por ele²⁹. O espaço urbano adquiria importância, era entendido como expressão da inovação do político dinâmico e moderno, estava marcando um novo tempo, apresentava-se como o divisor de águas, entre passado e futuro, entre o atraso/arcaico e o moderno. A interação entre o administrador e a população da cidade, os cidadãos, era de culto, de receptividade passiva, pois o JC descrevia a realização das tarefas do herói em um clima político de hegemonia.

Franciscato incorporou a imagem de um político novo e honesto, trabalhador sério, dinâmico e moderno, dizia se opor aos grupos poderosos³⁰ e era visto como aquele que lutava pela modernização e pelo progresso de Bauru, que ocorreria por meio de obras

²⁷ “Não chegaremos ao extremo de dizer que tudo o que existe é lindo de morrer....., mas, seguramente, afirmamos que Bauru se desenvolve num plano avançado de urbanização que chega servir de modelos a outros municípios.

As ruas e avenidas são largas, nossas praças são lindas, nossas faculdades são moderníssimas, nosso progresso é geral e planejado.

A cidade se agiganta, cresce vertical e horizontalmente. Com seus 150 bairros e vilas, tem merecido da administração engenheiro Alcides Franciscato, que contou com dois incansáveis colaboradores - Luiz Edmundo Coube e J.B.F., respectivamente nas chefias do Departamento de Água e Esgoto e Escritório Técnico - todo o cuidado, esmero e dedicação para o seu progresso e embelezamento....., tornando-a a cidade mais limpa do estado de São Paulo e, porque não dizer, uma das mais belas do Brasil. Onde havia um rio, fez uma avenida; onde não havia passagens, construiu viadutos; onde era intransitável, asfaltou; onde faltava higienização, levou água, esgoto e coleta de lixo; onde faltava ensino, construiu escolas; onde imperava a escuridão, iluminou; onde existia o analfabetismo, implantou o MOBREAL. Por tudo isso, pela sua administração pujante e exemplar, pela sua situação geográfica, pela sua gente trabalhadora, é que Bauru se tornou centro turístico regional.” “Bauru, centro turístico convergente”, JC: 19/11/72, 3º caderno, p.30.

²⁸ “Moradores de bairro homenagearam prefeito”, JC:01/08/71; Coluna Alta Tensão (uma espécie de editorial), JC: 01/09/71.

²⁹ “PROGRESSO DE BAURU MOSTRA-SE NAS OBRAS: O povo de Bauru comenta e acompanha com entusiasmo os trabalhos de transformação por que a nossa cidade está passando, graças a dinâmica administração do Sr. A.F. Para se ver essa transformação, basta uma observação das obras que estão em andamento: novo acesso ao aeroporto pela completa modernização da esquecida alameda Universitária, com seu completo asfaltamento e iluminação a vapor de mercúrio, tornando-a uma das mais belas e funcionais do interior; remodelação da Av. Pedro de Toledo, que se transformou numa via moderna, (...) viaduto Mauá e que também dentro de alguns dias passará por uma completa reforma, sofrendo alargamento de 18 metros; o viaduto sobre a Rondon, construído em poucos meses,(...)

Bauru esta saindo daquele marasmo antigo, do aspecto da cidade que se mantinha estacionada há muito tempo. Agora, por todos os lados, nota-se a preocupação do prefeito em modernizar nossas ruas e avenidas, dando-lhes condições de trânsito e iluminação, melhorando acesso aos bairros mais distantes com rapidez e eficiência. A paisagem urbanística da cidade está mudando rapidamente, para melhor, conseguindo elogios dos visitantes...” ALBIERO, E., JC: 26/05/70, p.10.

³⁰ No dia de sua posse pagou cafezinho a todos, contratou um assessor de imprensa, montou um restaurante para os funcionários braçais com oferecimento de comida. Tudo pago pelo empresário. Anunciou que a remuneração do secretariado também seria paga pelo empresário. “Milhares tomarão o cafezinho da passo”, JC:01/02/69; “Secretariado trabalhará sem ônus para os cofres públicos” JC: 01/02/69.

urbanas e da instalação de novas indústrias³¹. Assim, nas páginas do JC, a cidade adquiria forma por meio da ação de seu benfeitor.

Posteriormente, durante os dois mandatos de deputado federal, a presença de Franciscato era constante no jornal. A partir de 1975, houve intensificação da divulgação de obras ou atividades que buscavam valorizar o deputado federal Alcides Franciscato, o prefeito Oswaldo Sbeghen (seu segundo sucessor) e a cidade.³² Entretanto, a propaganda sobre Franciscato e seu grupo nem sempre ocorria de forma direta. Durante a campanha para as eleições de 1968, inúmeras matérias jornalísticas defendiam o candidato³³.

Com relação à política mais ampla, é clara a aproximação entre o JC e a ditadura no pós-64. O jornal assumiu concordâncias político-ideológicas com os militares. Havia sintonia do veículo com o universo de preocupações e temas da ditadura, por exemplo, desenvolvimento excludente, controle das classes populares, conceito de democracia.³⁴ Em 1968, ao responder a algumas críticas de militares à imprensa, o editorial perguntava: a imprensa daquele ano não era

“... a mesma que bravamente propiciou em 1963/1964 as condições psicológicas necessárias à deflagração do movimento revolucionário de 31 de março, denunciando os verdadeiros crimes que se estavam praticando contra a democracia e levando, finalmente, o povo a apoiar, festivamente, a implantação de uma nova ordem de coisas no Brasil?”³⁵

³¹ “EM TODAS AS FRENTE (Coisas da Cidade) - Oswaldo Gaspar. “Bauru está passando por uma transformação sem precedentes na sua história. Não estou dizendo que noutras administrações não se trabalhou pelo progresso da cidade. (...) E tanto isto é verdade que o desenvolvimento da “Sem Limites”, praticamente não sofreu solução de continuidade. Mas, o que está fazendo o governo A.F. é algo impressionante. (...) Poderão dizer: serviços de rotina. Sim, se considerarmos asfaltamento, redes de água e esgoto, abertura de novas ruas, iluminação, etc, serviços de rotina.

A valorização de imóveis, com esses melhoramentos, aumenta a olhos vistos. Quem possui terrenos vagos, beneficiados com pavimentação, com redes de água e esgoto e iluminação, tem o valor do seu imóvel triplicado algumas vezes.

Criticou-se a elevação de impostos. Mas, não se pensou que esta elevação viria possibilitar à administração dar a Bauru tantas melhorias. São raras as comunas paulistas que experimentam um surto de progresso tão grande. (...) Na verdade, reclamou-se contra a elevação de impostos, mas seus reclamantes, sentindo que seu dinheiro tem sido bem empregado, calaram-se e hoje, na sua maioria louvam o prefeito e todo o seu pessoal pelo muito que estão procurando dar à nossa Bauru...” JC:09/07/70, p.10

³² “A Evolução de Bauru”, JC: 19/04/80; “Franciscato dimensiona as implicações da obra viária”, JC: 30/07/80.

³³ JC: 09/11/68, p.01.

³⁴ Em editorial do DB, o jornal defende o Presidente Médici por manter as eleições indiretas para governador de Estado. “Não sendo antidemocrática a escolha dos governadores pelo voto indireto, pois as Assembléias são representações do povo, não seriam também cabíveis as aleivosias de continuísmo ou estagnação num país que apresenta os índices de maior crescimento do mundo.” “A Verdade em Jogo”, DB: 11/04/72, p.02.

³⁵ Editorial: Imprensa! Bendita Imprensa! JC: 18/09/68, p.08. Um ano depois, 1969, as ações armadas das esquerdas, denominadas pelos militares de atos terroristas, foram alvo de dura crítica escrita por um articulista: “O terror está entre nós. Muita gente não percebeu, ou não quis perceber; mas ele está aí para inquietar a população, eliminando gente importante, instaurar clima propício para uma revolta geral. No princípio foram assaltos a bancos. Um, dois, três, ...já não se sabe quantos. Depois os incêndios, especialmente nas emissoras de Tv. Agora terroristas e policiais trocam tiros em

A sustentação política do grupo político e jornalístico não era apenas local. A rede de apoio vinda dos governos estaduais e federais foi decisiva para o sucesso dos discursos do prefeito e do jornal, porque havia verba disponível para dar suporte material ao imaginário que atribuía ao prefeito o renovador da cidade. A presença em Bauru de autoridades da ARENA era periódica. A cidade e o JC se constituíam em base de apoio dos governos (federal e estadual) e possibilitavam a implantação, e suas respectivas divulgações, de diversas políticas do modelo desenvolvimentista da ditadura, além da base política tradicional que passava, dentre outros pontos, pelo sistema eleitoral.

Diante deste quadro, uma questão a ser destacada é a relação entre os jornalistas e a linha editorial do jornal e interesses políticos de seu proprietário e de seu grupo. É difícil identificar as intenções dos atores sociais, entretanto considerar que os redatores estavam escrevendo apenas por pressão dos patrões ou por dinheiro da empresa é desconsiderar o apoio que as políticas da ditadura receberam de diversos segmentos sociais, inclusive da imprensa e ignorar o posicionamento político dos profissionais³⁶. Darnton já chamou a atenção para a intrincada interação entre o trabalho cotidiano e individual do jornalista, a produção e a leitura coletiva do jornal, e o próprio texto que possui dimensões coletivas e trabalha com um magma do universo mental social³⁷.

Nesse sentido, passa pensar a produção jornalística na relação com a política e a cidade opta-se que para qualificar o profissional como membro da elite. Segundo Bóbbio, dentre os vários conceitos de elite em diferentes autores, há elementos em comum, que pressupõem: a oposição elite-massa, a superioridade política de minorias (as elites) e a desvinculação das relações políticas de poder das relações econômicas.³⁸ Apesar dos riscos de utilizar o conceito de forma mais livre, sem prender-se a determinado autor, para este momento é suficiente, pois o jornalista não pertencia aos grupos dominantes (político-

pleno centro da cidade, bombas são colocadas em residências de pessoas influentes...é o terror, produzido pelas forças do fanatismo e da intolerância...” MÉDICI, S. “Todos os Líderes Estão Ameaçados”, JC: 16/08/69, p.09.

³⁶ AQUINO, Maria Aparecida de. Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968-1978). O exercício cotidiano da dominação e da resistência, O Estado de São Paulo e Movimento. Bauru: Edusc, 1999; LOSNAK, Célio José. Ardis da Memória: vieses da trajetória política de O Estado de S. Paulo no pós-64. In: CARDOSO, Clodoaldo Meneguello (Org.) Humanidades em Comunicação: um diálogo multidisciplinar. Bauru: Unesp-FAAC; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2005. p.127-141.

³⁷ DARNTON, Robert. Jornalismo: toda notícia que couber, a gente publica. In: ____ O Beijo de Lamourette. Mídia, Cultura e Revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 23-36. Recentemente Traquina faz um balanço bibliográfico em que os temas apontados por Darnton são desenvolvidos por diversos pesquisadores da área do jornalismo. TRAQUINA, op. cit.

econômico), mas compunha uma elite intelectual afinada com os poderosos, estava inserido socialmente no debate político sobre a cidade e a sociedade.

A atuação da imprensa articula uma dimensão pública e uma dimensão privada³⁹. Os jornalistas e editores contribuem para a materializam dessas dimensões e, no caso de Bauru, foram agentes, dentre outros, da consolidação de determinadas versões sobre a cidade e seus moradores. Eles tiveram papel ativo em todo esse processo articulados a políticos, engenheiros, professores, arquitetos, profissionais liberais, técnicos e funcionários da administração pública.

Representações Oficiais da Cidade

Em momentos diferentes, mas com continuidade, Avallone Jr. e Alcides Franciscato foram articuladores de um projeto sócio-político para Bauru que consistiu na busca da inserção da cidade no processo de industrialização modernizadora pelo qual passava o país no período JK e pós-64. A atração de indústrias na cidade era entendida como sinônimo de progresso.

Nos anos 1960 1970, os dois jornais, DB e JC, exploraram intensamente textos em torno da indústria. Em alguns momentos, ela era considerada uma necessidade para a cidade, principalmente como meio de ampliação da capacidade de emprego, como alternativa de futuro. Em outras situações, a industrialização foi entendida como algo que se iniciava, ou ainda, uma meta que, para ser conquistada, exigia empenho de vários segmentos sociais⁴⁰. A construção de um distrito

³⁸ BÓBBIO, Norberto. In: _____, MATTEUCCI, Nicola., PASQUINO, Gianfranco. (Org.) Dicionário de Política. V.1, 6. ed. Brasília: Editora UNB, 1994. p. 385-391.

³⁹ CAPELATO, Maria Helena. Imprensa na República: uma instituição pública e privada. In: Camilotti, Virgínia C; NAXARA, Marica Regina Capelari.; SILVA, Fernando Teixeira da. República, Liberalismo, Cidadania. Piracicaba: Editora Unimep. 2003. p. 139-150.

⁴⁰ “Via do Oeste vai favorecer a industrialização de Bauru”, JC: 16/01/69; “Começa o surto Industrial”, JC: 22/02/69; “Presidente da FIESP-CIESP apóia a vinda de indústrias”, JC: 26/04/69; “Decreto do Governador cria Distrito Industrial de Bauru”, JC: 29/05/69; “Prefeito ressalta condições de Bauru para implantação de novas indústrias”, JC:15/06/69; “Distrito Industrial, grande conquista para o desenvolvimento desta região”, JC: 15/06/69; “Comissão reuniu-se para debater industrialização”, JC: 06/08/69; “Iniciadas desapropriações no Distrito Industrial”, JC: 23/09/69; “Grande Impulso Industrial em 69”, JC: 07/12/69 “Distrito Industrial depende da própria cidade”, JC: 07/02/70; “Cidade entra na fase industrial”, JC: 07/06/70; “Industrialização será a bandeira de Maurício”, JC: 06/08/70; “Industrialização é uma realidade”, JC: 29/08/70; “Mão-de-obra qualificada acelera industrialização”, JC: 15/11/70; “Comissão relata expansão industrial”, JC: 18/07/71; “Bauru completa 75 anos em ritmo de industrialização”, JC: 01/08/71; “Franciscato reclama a interiorização da indústria do Estado”, JC:27/05/72.

industrial foi realizada como condição para que a realidade se transformasse⁴¹. Discussões sobre a perda de indústrias por se instarem em cidades vizinhas acalentavam recorrentes debates⁴².

A industrialização tão acalentada não se efetivou, ou pelos menos não ocorreu de acordo com as expectativas. Embora ela fosse defendida por diversos segmentos sociais⁴³, e o jornal viabilizava a publicização do debate, é inegável que ela era uma representação que dava base a projetos de dois líderes políticos da cidade, Avallone Jr. e Franciscato, buscando a marcação de um novo tempo e a consolidação dos respectivos grupos na dominação política e ideológica. Tentando delinear uma nova cidade pensada a partir das concepções de modernidade que circulavam no país do período, a estratégia utilizada era apresentar a industrialização como símbolo paradigmático. Deste modo, propunha buscar o crescimento econômico industrial e, assim, atender às necessidades de emprego da população, como também tentar tornar a cidade à sua imagem e semelhança, rica, moderna e bela. Os jornais intermediavam as instituições e classes sociais.

Outro canal de inserção do moderno expresso nas folhas do JC e que, mais uma vez, buscava criar nova identidade para Bauru foi a construção do setor viário monumental. Incorporando a dinâmica nacional do transporte rodoviário e de apologia do carro como *status* e símbolo do moderno, que começava a se destacar no período JK e foi imensamente difundido no pós-64, construíram-se algumas avenidas em Bauru.

Essas obras tornaram-se possíveis por meio da proximidade dos políticos da cidade com a Ditadura Militar, que investiu muito na área. Entretanto, a construção do novo setor viário na cidade era uma forma de erigir monumentos que dessem uma face às elites: expressando o poderio delas e atualizando-as ao contexto nacional; demonstrando a capacidade de dar à cidade a sua forma, que era considerada a imagem do moderno; pretendendo criar um espelho em que as supostas

⁴¹ “Bauru industrial será realidade”, DB-01/01/66; “Industrialização em câmara lenta”, DB-02/11/66; “Comerciantes podem promover a industrialização de Bauru”, DB-03/03/67; “Bauru Industrial, caminho para o progresso”, DB-21/07/68; “Industrialização nas providências”, DB-25/03/70; “DI quase verdade”, DB: 05/04/70; “Infraestrutura antes da Indústria”, DB: 19/05/70; “Industrialização é a meta principal”, JC: 13/10/68; “Industrialização é a meta principal”, JC: 13/10/68, p.08; “Indústria Bauruense no Palácio dos Bandeirantes”, JC: 29/05/68; “CIESP quer industrializar Bauru”, JC: 26/09/68; “Infra-estrutura antes da Indústria”, DB: 19/05/70. .

⁴² “Até 1980, será impressionante o crescimento industrial de Bauru”, JC: 10/03/74; “Isenção de Impostos não ajuda a cidade a industrializar-se”, JC:03/03/74; “É preciso criar em Bauru a mentalidade empresarial”, JC: 17/03/74; “Balcão de Projetos atesta a industrialização do interior”, JC: 19/03/74; “Nosso distrito industrial é o mais desenvolvido dentre os que existem”, JC: 31/03/74; “Falta divulgação para que Bauru seja cidade industrial”, JC: 07/04/74; “Apenas questão de tempo para que Bauru seja uma cidade industrial”, JC: 21/04/74; “2ª FIBAR, ponto dos empresários do nosso país”, JC: 31/03/76; “Descentralização da Indústria, solução para muitos problemas”, JC: 11/04/76; “Uma cidade de comércio e de escolas, mas também possui indústrias”, JC: 01/08/76; “Radiografia da Cidade – Carência de Indústrias”, JC: 23/11/76; “Especulação Imobiliária prejudica nosso processo de industrialização”, JC:13/06/79.

⁴³ Celina Neves, uma conhecida professora de datilografia, autodidata, diretora de teatro, escrevia no jornal Correio da Noroeste, em 1966 e 1967, e também abordou o tema. Para ela, a indústria consistia na oportunidade de emprego para aqueles que vadiavam por falta de opção, ou precisavam ajudar no orçamento doméstico, ou ainda precisavam abandonar a cidade por falta de trabalho, ao mesmo tempo em que seria desperdício manter esses jovens vigorosos ociosos. NEVES, Celina Lourdes Alves. Retalhos da Vida. Bauru: Edusc, 1998.

qualidades da obra apontassem para a importância de seu mentor; objetivando estabelecer marcos espaciais de memória e eternidade; definindo como deveria ser a dinâmica de uso, criação e apropriação dos espaços urbanos.

O JC teve papel fundamental em manter notícias sobre o andamento das obras, sobre a importância delas e o papel preponderante exercido por Franciscato e seus liderados na renovação de parte da infra-estrutura urbana. A nova paisagem que ia se delineando eram enfatizadas pelo jornal ao mesmo em que eram contrapostas às antigas. Assim, o mato, o rio e a natureza eram representados pelo atraso, enquanto as ruas, as avenidas e rios canalizados eram divulgados como símbolos do progresso e da modernização.

Um desdobramento desse universo de representação é a permanência nas páginas do JC menções às potencialidades épicas e econômicas dos habitantes e das instituições bauruenses. Segundo essas interpretações, a cidade foi fundada por pioneiros que lutaram contra os índios, contra a natureza e conquistaram a terra. A partir do fim anos 1950, ocorre aumento significativo na produção de memorialistas enaltecendo os pioneiros e essa produção é publicada em livros e na imprensa (DB e JC). O pioneirismo se desdobra no texto dos jornalistas e é utilizado para referenciar corriqueiras notícias atribuídas à Bauru de potencialidades infindáveis e inalcançáveis por outras cidades.⁴⁴

A difusão e permanência do ideário dominante suscitam dúvidas. A repercussão dessas matérias é avassaladora na sociedade local? Elas são referência para todos os habitantes da cidade? As representações sociais e os slogans se constituem em chaves interpretativas para conduzir a Bauru do período? Questões difíceis de responder. Estamos trabalhando no nível da emissão e não da recepção da mensagem. Entretanto, sem esgotar as possibilidades explicativas, destaco duas ponderações.

O grupo político que conduzia e usufruía do *Jornal da Cidade* foi hegemônico até as eleições de 1982. Até esse ano a Câmara dos Vereadores e a Prefeitura Municipal eram conduzidos pelas diretrizes políticas de Franciscato. Os aliados dele eram majoritariamente eleitos até essa data.

⁴⁴ CORREA, H. “Bauru, cidade do interior pioneira em televisão na América do Sul”. DB:23/01/60, p.08; TV-Bauru-Canal 2: Estação Pioneira. DB: 01/08/60, p.01; “Bauru entre os dez primeiros municípios de todo o País”, DB: 27/01/62, p.01; “Bauru produziu nada menos que 6.992.000 quilos de melancias”, DB: 12/11/60, p.08; “Bauru: ponto chave da ligação entre o Atlântico e Pacífico”, DB: 12/08/60, p.07; “Faculdade de Odontologia é motivo de orgulho nacional”, DB: 08/05/66, p.01; “Bauru possui a 2ª academia de halterofilismo do Estado”, DB: 03/04/69, p.03; “Bauru: estação da Embratel será a maior do Brasil”, DB: 23/07/69, p.01; “Nossa Cidade é Ponto Básico no Sistema Oeste”, JC: 03/02/72, p.01; “Distrito Industrial de Bauru passa a servir de modelo”, JC: 26/02/70, p.01; “Nosso aeroporto é o primeiro”, JC: 11/03/70, p.01; “Microondas: Bauru foi a primeira a ser beneficiada”, DB: 22/05/71, p.01; “Convênio garante à Bauru posição pioneira na luta contra o câncer”, JC: 10/08/71, p.01; “Posto de Aferição dá a Bauru condição pioneira”, JC: 21/05/72, p.01; “INPS tem em Bauru um dos maiores prédios do interior”, JC: 06/01/74, p.01.

Portanto, o grupo possuía certa representatividade política reconhecida pelos eleitores e o JC era o veículo de maior prestígio entre leitores e anunciantes.

O jornal menciona agentes oriundos de outros lugares sociais, distantes ou excluídos dos espaços e práticas valorizadas pelos debates jornalísticos. Um grupo excluído até mesmo das páginas impressas foi o do movimento social de esquerda. Alguns segmentos de operários e trabalhadores articulavam resistência aos movimentos políticos dominantes, por via dos sindicatos e de maneira independente, até o golpe de 1964. Os depoimentos de militantes do movimento social revelam que a repressão política em Bauru foi avassaladora. A setores da igreja católica progressista, militantes do MDB, jovens do movimento estudantil e sindicalistas independentes somente conseguiram se expressar no final dos anos 1970. Até então, as divergências restringiram-se ao pensamento individual.

Havia um segmento social distante das elites que era mencionado com recorrência, mas para realçar os problemas que ele apresentava para a cidade. Os mendigos⁴⁵, as prostitutas⁴⁶, os maloqueiros (que viviam nas malocas)⁴⁷ aparecem destoando da cidade oficial. Segundo os jornalistas, eles traziam feiúra, sujeira, imoralidades, doenças, promoviam desordens, comportavam-se de maneira a macular a imagem de uma cidade ideal e harmônica dentre as elites e outros segmentos sociais.

Enfim, questões indicadoras da multiplicidade da vida social urbana, das contradições oriundas dela e das possibilidades de fazer jornalismo veiculador ou não dessa mesma multiplicidade.

Referências Bibliográficas

ABREU, Alzira Alves. **A Modernização da Imprensa Brasileira (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

⁴⁵ “Diariamente chegam a Bauru indigentes de todo o país.!”; DB: 31/01/64, p.03; “Indigência em Bauru é calamidade”, JC: 07/07/68; “Cidade invadida pelos pedintes”, JC: 20/12/70, p.06; “Cresce a Mendicância em Bauru”, JC:08/03/77, p.03; “Cidade invadida pelos pedintes”, JC: 20/12/70, p.06; Aumentou o número de menores pedintes, mas o comissariado explica porque não pode atuar.”; JC: 29/12/67; “Combate na cidade à mendicância infantil”, JC: 28/03/72, p.01; “Cidade invadida pelos pedintes”, JC: 20/12/70, p.06; “Cresce a mendicância em Bauru”, JC: 08/03/77, p.03; “Indigentes: notas tristes das frias madrugadas”, JC:07/07/68, p.12; “Os Problemas da lavoura registrados no Albergue”, JC: 07/10/75; “A Mendicância em Bauru”, JC: 11/06/72, 2º caderno, p.05.

⁴⁶ Mais 180 dias de prazo para a mudança da zona do meretrício”, DB: 16/02/63, p.16; “Jardins das Orquídeas abandonado: mulheres em condições sub-humanas”, DB: 03/03/64, p.09; “Luz, telefone e posto policial: zona do meretrício abandonada”, DB: 07/10/64, p.08; “Jardins das Orquídeas abandonado: mulheres em condições sub-humanas”, DB: 03/03/64, p.09; “Progresso aproxima o meretrício”, JC: 26/01/78, p.29; “Núcleo está a 200 m do meretrício”, JC: 24/01/80, p.03; “Avenida Rodrigues Alves depois da 21 horas: perigo de disseminação do “mal necessário”, DB: 30/08/62; “Vinte e uma mulheres presas ontem à noite”, JC: 15/01/69; “Polícia resolve combater o passeio das mariposas”, JC: 31/12/68, p.08; “Mulheres do Meretrício cassadas pela polícia”, JC: 24/01/69, p.03; “Mariposas Voando” (Notícias Policiais), JC: 04/02/69, p.04.

⁴⁷ “Dormiam sem Roupa”, DB:05/08/69, p.05; “Mulheres se pegaram na Maloca”, DB: 17/09/69, p.08; “Ferveu a Maloca do Pelota”, DB: 01/10/69, p.06; “Maloca do Pelota vai acabar”; DB: 15/10/69, p.02; “O Fim da Maloca do Pelota”, DB: 17/10/69, p. 07.



AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968-1978)**. O exercício cotidiano da dominação e da resistência, O Estado de São Paulo e Movimento. Bauru: Edusc, 1999.

BÓBBIO, Norberto. In: _____, MATTEUCCI, Nicola., PASQUINO, Gianfranco. (Org.) **Dicionário de Política**. V.1, 6. ed. Brasília: Editora UNB, 1994. p. 385-391.

BOLLI, Willi. A Cidade como escrita. In: DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO. **O Direito à Memória**. Patrimônio Histórico e Cidadania. São Paulo, 1992. p.137-143.

BOURDIEU, Pierre. A Influência do Jornalismo; Posfácio In: **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1997.

CAPELATO, Maria Helena. Imprensa na República: uma instituição pública e privada. In: Camilotti, Virgínia C; NAXARA, Marica Regina Capelari.; SILVA, Fernando Teixeira da. **República, Liberalismo, Cidadania**. Piracicaba: Editora Unimep. 2003. p. 139-150.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lúcia. **O Bravo Matutino**. Imprensa e ideologia: o jornal O Estado de S. Paulo. São Paulo: Editora Alfa-Omega. 1980.

CAPELATO, Maria Helena. **Os Arautos do Liberalismo**. Imprensa Paulista 1920-1945. São Paulo: Brasiliense. 1989.

CARR, Edward Hallet. **Que é História?** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel/Editora Bertrand Brasil S/A, s/d.

CHAUÍ, Marilena. Crítica e Ideologia. In: _____ **Cultura e Democracia**. O discurso competente e outras falas. 3.ed. São Paulo: Moderna, 1982. p.15-38. .

CHESNEAUX, Jean. **Devemos Fazer Tábula Rasa do Passado?** Sobre a história e os historiadores. São Paulo: Ática, 1995.

CRUZ, Heloísa de Faria. **São Paulo em Papel e Tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915**. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial, SP, 2000.

DARNTON, Robert. Jornalismo: toda notícia que couber, a gente publica. In: ____ **O Beijo de Lamourette**. Mídia, Cultura e Revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 23-36.

FERRARA, Lucrecia A. **Ver a Cidade: cidade, imagem, leitura**. São Paulo: Nobel, 1988.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

LOSNAK, Célio José. Ardis da Memória: vieses da trajetória política de O Estado de S. Paulo no pós-64. In: CARDOSO, Clodoaldo Meneguello (Org.) **Humanidades em Comunicação: um diálogo multidisciplinar**. Bauru: Unesp-FAAC; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2005. p.127-141.



LOSNAK, Célio José. **Polifonia Urbana: imagens e representações**, Bauru 1950-1980. Bauru: Edusc, 2004.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**. Jornalismo na sociedade urbana e industrial. 3. ed. São Paulo. Summus. 1988.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. O Museu na Cidade / A Cidade no Museu: para uma abordagem histórica dos museus de cidade. **Revista Brasileira de História**. Cultura e Cidade. São Paulo. v.5, n.8-9, p.197-205, 1984/1985.

NEVES, Celina Lourdes Alves. **Retalhos da Vida**. Bauru: Edusc, 1998.

NOBRE, Freitas. **História da Imprensa de São Paulo**. São Paulo: Edições Leia, 1950.

OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte de. **João Goulart na Imprensa**. De personalidade a Personagem. São Paulo: Annablume, 1998.

ROLNICK, Raquel. **A Cidade e a Lei**. Legislação, Política Urbana e Territórios na cidade de São Paulo. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp. 1999.

SANTOS, C.N.F. dos. et al. **Quando a Rua Vira Casa**. A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. 3. ed. São Paulo: Projeto, 1985.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole**. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem**. Notas sobre a narrativa jornalística. 4. ed. São Paulo: Summus. 1986.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**, porque as notícias são como são. V.1. 2. ed. Florianópolis: Insular. 2005.

WILIAMS, R. **O Campo e a Cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 6. ed. Lisboa: Editorial Presença. 2001.